

SUICÍDIO, FAMÍLIA E GRUPOS DE APOIO: DIÁLOGOS COM A LITERATURA
SUICIDE, FAMILY AND SUPPORT GROUPS: DIALOGUES WITH LITERATURE
SUICIDIO, FAMILIA Y GRUPOS DE APOYO: DIÁLOGOS CON LA LITERATURA

 10.56238/revgeov16n5-201

Antônio Cássio Vaz

Mestre em Psicologia

Instituição: Pontifícia Universidade de Minas Gerais

E-mail: psicologoacv@gmail.com

Orcid: 0000-0002-1368-3176

Luciana Kind do Nascimento

Pós-doutorado em Psicologia Social

Instituição: Pontifícia Universidade de Minas Gerais, Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG)

E-mail: lukind@gmail.com

Orcid: 0000-0002-0327-0722

José Vitor da Silva

Pós-doutor

Instituição: Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo (USP), Universidade São Francisco, Escola Superior de Enfermagem do Porto - Portugal, Universidade Federal de São Carlos (UFSCar)

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9045-1398>

RESUMO

O suicídio é uma das principais causas de morte no mundo, sendo um fenômeno complexo e desafiador de compreender. O impacto sobre os familiares que perdem alguém para o suicídio é avassalador, marcado por sofrimento, dor, confusão, culpa, rejeição e desolação, podendo desencadear ou acentuar transtornos mentais preexistentes, como a depressão. Outra forma de enfrentamento desse fato pelos sobreviventes próximos pode ser o consumo excessivo de álcool. Portanto, é crucial que existam estruturas de suporte e orientação para esses familiares. Grupos de apoio são instrumentos valiosos nessas situações. A presente pesquisa realizou uma revisão sistemática da literatura entre 2015 e 2022 sobre os impactos no grupo familiar que perdeu alguém para o suicídio, destacando a importância dos grupos de apoio. Embora haja significativa produção sobre os impactos do suicídio na família, a literatura é escassa em relação aos grupos de apoio para familiares enlutados pelo suicídio.

Palavras-chave: Grupo Familiar. Grupos de Apoio. Suicídio.

ABSTRACT

Suicide is one of the leading causes of death worldwide, being a complex and challenging phenomenon to comprehend. The impact on family members who lose someone to suicide is overwhelming, marked



by suffering, pain, confusion, guilt, rejection, and desolation, which can trigger or exacerbate pre-existing mental disorders such as depression. Another way for close survivors to cope with this fact may be excessive alcohol consumption. Therefore, it is crucial to have support and guidance structures for these family members. Support groups are valuable instruments in these situations. The present research conducted a systematic literature review between 2015 and 2022 on the impacts on the family group that has lost someone to suicide, highlighting the importance of support groups. Although there is significant literature on the impacts of suicide on the family, there is a scarcity of literature regarding support groups for family members bereaved by suicide.

Keywords: Family Group. Suicide. Support Groups.

RESUMEN

El suicidio es una de las principales causas de muerte en todo el mundo, un fenómeno complejo y difícil de comprender. El impacto en los familiares que pierden a un ser querido por suicidio es abrumador, marcado por el sufrimiento, el dolor, la confusión, la culpa, el rechazo y la desolación, y puede desencadenar o exacerbar trastornos mentales preexistentes como la depresión. Otra forma en que los sobrevivientes cercanos pueden afrontar este evento puede ser el consumo excesivo de alcohol. Por lo tanto, es crucial que existan estructuras de apoyo y orientación para estos familiares. Los grupos de apoyo son herramientas valiosas en estas situaciones. Esta investigación realizó una revisión sistemática de la literatura entre 2015 y 2022 sobre el impacto en el grupo familiar que ha perdido a un ser querido por suicidio, destacando la importancia de los grupos de apoyo. Si bien existe una investigación significativa sobre el impacto del suicidio en la familia, la literatura sobre grupos de apoyo para familiares en duelo por suicidio es escasa.

Palabras clave: Grupo Familiar. Grupos de Apoyo. Suicidio.



1 INTRODUÇÃO

O suicídio é entendido como a prática que tem a intenção de provocar a própria morte, sendo um ato que provoca um trauma em muitas pessoas e um problema de saúde pública. Além de ações para se evitar essa prática, percebem-se ações de apoio aos familiares de pessoas que cometeram o suicídio, os quais se questionam muito por tal ato, sentem grande culpa e têm dificuldade de falar sobre o tema, visto pela maioria dos sobreviventes como tabu. Neste artigo, tem-se uma revisão de literatura sobre os impactos no grupo familiar que perdeu alguém para o suicídio, destacando a importância dos grupos de apoio.

2 MÉTODO

Como explicam Donato e Donato (2019), existem dois critérios essenciais para uma revisão sistemática: a) ser exaustiva, buscando incluir toda a literatura relevante na área e b) ser seguida uma metodologia rigorosa, com a definição da questão de investigação, a descrição de um protocolo, a pesquisa da literatura, o recolhimento e triagem e a análise da literatura, documentando, cuidadosamente, todo o processo.

As etapas do processo de revisão sistemática, segundo as autoras, são: 1. Formular uma questão de investigação; 2. Produzir um protocolo de investigação e efetuar o seu registro; 3. Definir os critérios de inclusão e de exclusão; 4. Desenvolver uma estratégia de pesquisa e pesquisar a literatura – encontrar os estudos; 5. Seleção dos estudos; 6. Avaliação da qualidade dos estudos; 7. Extração dos dados; 8. Síntese dos dados e avaliação da qualidade da evidência; 9. Disseminação dos resultados – Publicação.

Dessa forma, para a realização da primeira seção deste artigo, propôs-se a seguinte questão de investigação: Quais são as evidências científicas disponíveis na literatura sobre os impactos na vida das famílias que vivenciaram o suicídio de um de seus membros? Quanto ao protocolo de investigação, destacam-se:

- a. Critérios de inclusão: artigos completos, publicados em periódicos com revisão por pares, entre os anos de 2017 e 2021, nos idiomas português, inglês e espanhol; pesquisas exploratórias qualitativas, que abordem sobre estresse psicológico, na área de psicologia e afins; que apresentem impactos do suicídio nos familiares, especialmente nos irmãos, e atividades terapêuticas realizadas com essas pessoas;
- b. Critérios de exclusão: estudos que divergem dos objetivos e critérios de inclusão da pesquisa; produções repetidas; produções fora do período histórico supracitado;
- c. Estratégia de pesquisa: pesquisa no Portal de Periódicos Capes, SciELO, Conchran Library, LILACS, BVS Psi e Google Acadêmico; utilizaram-se os termos “suicídio” ou “sobreviventes” ou “família” e, para o inglês, “*suicide*” or “*survivors*” or “*family*”;



- d. Seleção dos estudos: encontradas as obras, foram classificadas conforme a fonte e passou-se para o processo de leitura dos títulos e resumos, para verificar se estavam dentro dos critérios de inclusão. Os textos que atenderam aos critérios foram selecionados. Para textos iguais, porém publicados em fontes diferentes, optou-se pela publicação mais recente;
- e. Avaliação da qualidade dos estudos: a partir da leitura das obras, buscou-se identificar a sua qualidade, no sentido das referências bibliográficas utilizadas e a relevância da pesquisa;
- f. Extração dos dados: foi produzido um formulário no formato de quadro, identificando os dados gerais das obras, como nome dos autores, ano de publicação, título e fonte. Foi realizado o fichamento das obras, buscando destacar as conclusões às quais chegaram os autores;
- g. Síntese dos dados e avaliação da qualidade das evidências: organizou-se o texto a partir dos fichamentos e, com a leitura do referencial teórico para esta pesquisa, fez-se a proposta da discussão, buscando salientar o impacto nas famílias do suicídio de um de seus membros. Utilizaram-se, assim, os textos que melhor conseguiram apresentar essas evidências.

3 CORPUS DE PESQUISA

Conhecer os impactos do suicídio na vida da família, de acordo com as produções disponíveis na literatura científica, foi o objetivo deste artigo. O *corpus* de pesquisa foi composto por treze artigos que revelaram consequências psicológicas como medo, raiva, vergonha e trauma, acarretando problemas de saúde física. Os treze artigos encontram-se listados na Figura 1.

Figura 1 - Artigos encontrados na pesquisa

	AUTORES	ANO	TÍTULO	FONTE
1	Costa & Spies	2014	Suicídio: a percepção familiar sobre aquele que deu fim à própria vida	Google Acadêmico - Psicologia em Foco
2	Dutra et al.	2018	Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação	Periódicos CAPES - REBEN - Revista Brasileira de Enfermagem
3	Feijoo	2021	Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados	Google Acadêmico - Revista Psicologia em Estudo
4	Gonçalves et al.	2018	Os impactos do suicídio no âmbito familiar e social	Google Acadêmico - Revista Eletrônica Acervo Saúde
5	Kreuz & Antoniassi	2020	Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio	Periódicos CAPES - Psicologia em Estudo
6	Magalhães, Rafael & Vilella	2019	Sentimento dos familiares ao perder um ente querido por suicídio	Google Acadêmico - Anais do I Seminário de Iniciação Científica Fapemig - Itajubá
7	Melo & Barros	2017	Consequências do Suicídio para as Relações Socioafetivas dos Familiares na posvenção	Periódicos CAPES - Revista FSA
8	Moro et al.	2018	Suicídio. Um fenômeno silencioso e silenciado	Google AcadêmiCo - Revista Saúde e Meio Ambiente



9	Ramírez	2017	<i>Proceso de duelo: meta análisis del enfrentamiento a la muerte suicida desde una perspectiva familiar</i>	Periódicos CAPES – Cuadernos
10	Rocha & Lima	2019	Suicídio: Peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo	Google Acadêmico - Revista Psicologia Clínica
11	Ruckert, Frizzo & Rigoli	2019	Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil	Google Acadêmico - Revista Brasileira de Terapias Cognitivas
12	Silva et al.	2018	Cuidado a famílias após perda por suicídio: experiência de acadêmicos de Enfermagem	Periódicos CAPES - REBEN - Revista Brasileira de Enfermagem
13	Vasconcelos & Ferreira	2021	Reflexões para o psicoterapeuta diante do enlutado pelo suicídio	Google Acadêmico - Revista Vale

Fonte: Elaborado pelos autores.

Para a segunda parte deste estudo, também foi realizada uma revisão sistemática da literatura que objetivou buscar, captar, reconhecer e sintetizar a produção do conhecimento acerca dos grupos de apoio a familiares enlutados pelo suicídio de um de seus membros. A pesquisa abarcou o período de 2015 a 2022 e obedeceu às seguintes etapas metodológicas: 1) delimitação dos objetivos e questões norteadoras; 2) seleção das bases de dados/estabelecimento dos critérios de inclusão e exclusão: levantamento, seleção e obtenção de artigos e livros relacionados ao tema; 3) avaliação dos estudos pré-selecionados; 4) discussão dos resultados e apresentação da revisão sistemática. A partir do dia 1º de janeiro de 2022, deu-se início ao levantamento de publicações na área da saúde, consultando artigos e publicações nas bases de dados BVS, SciELO e PsycInfo no Google. Essas plataformas foram escolhidas por concentrarem grau mais elevado de indexação de publicações na área da saúde. O levantamento da bibliografia deu-se também pelo Google, uma vez que esta plataforma disponibiliza também grande número de livros digitalizados, artigos científicos e *sites* específicos sobre a temática em questão. Com relação à literatura estrangeira, foram explorados três artigos publicados no *International Journal of Environmental Research and Public Health*. Também foi realizado levantamento de livros físicos sobre a temática.

As buscas eletrônicas foram feitas por meio de descritores capazes de responder às questões norteadoras, como já citadas anteriormente. Cabe destacar que os critérios de inclusão adotados foram os seguintes: *sites*, publicações e artigos sobre os impactos do suicídio de um ente querido em seu grupo familiar e a importância dos grupos de ajuda aos familiares enlutados por suicídio de um de seus membros. Foram excluídas fontes que não trataram das temáticas eleitas nesta pesquisa; redigidos em outras línguas que não português; publicados anteriormente a 2011; que não apresentaram fundamentação científica. Nas buscas eletrônicas, foram utilizados os seguintes descritores pesquisados: suicídio, impactos, família, grupos de ajuda suicídio. Como estratégia de busca, os descritores foram cruzados. Nesse levantamento, foram identificados 219 artigos nas bases de dados; cinco livros digitalizados, cinco *sites* considerados relevantes e com credibilidade, sendo eles das seguintes instituições: Associação brasileira de estudos e prevenção do suicídio



(ABEPS), Centro de Valorização da Vida (CVV), Organização Pan-Americana de Saúde (PAHO), Literatura Latino-Americana em Ciências da Saúde (LILACS), Base de Dados em Enfermagem (BDENF), Biblioteca Virtual em Saúde (BVS), Scientific Electronic Library Online (SciELO) e National Library of Medicine (Pubmed).

Na etapa seguinte, os artigos e livros selecionados foram lidos na íntegra e destacadas as informações para a determinação da produção relativamente ao ano de publicação, proficiência dos autores, país de origem do estudo, ênfase na temática escolhida, pertinência da obra aos objetivos deste estudo, destaque para os resultados e conclusões. A análise dos estudos deu-se da seguinte forma: leitura de cada artigo, objetivando compreensão global; identificação das propostas teóricas relacionadas aos impactos do suicídio no grupo familiar da pessoa que se matou e a importância dos grupos de apoio aos familiares enlutados pela morte por suicídio de um de seus membros; classificação das propostas levantadas em categorias para a comparação entre as fontes; resumo interpretativo dos impactos no grupo familiar pela perda de um de seus membros por suicídio e importância dos grupos de apoio aos familiares enlutados pelo suicídio de um de seus membros.

4 SUICÍDIO E FAMÍLIA: REVISÃO DE LITERATURA

Pode-se perceber, na perspectiva da Psicologia Fenomenológica, que a humanidade vive um momento crítico de insegurança em relação ao futuro. É de conhecimento amplo que a crise social na pandemia assolou, e ainda causa impacto em todo o planeta e, principalmente, nos países subdesenvolvidos, dadas as dificuldades que esses países, historicamente, enfrentaram, e as quais têm piorado drasticamente a partir de então.

Conforme destacam Penso e Sena (2020), a compreensão do fenômeno do suicídio tem se apresentado como um grande desafio em diversos sentidos. O suicídio diz respeito a um grave problema de escala mundial de saúde pública. Considera-se que os números que envolvem essa questão são subestimados, no entanto, mesmo assim, eles são assustadores. Para cada suicídio efetivado, houve entre 10 e 20 tentativas. Estima-se que cada morte por suicídio afeta emocionalmente outras 60 pessoas próximas à vítima.

Segundo Fukumitsu e Kovács (2016, p. 4), o “comportamento suicida abrange o espectro individual, social, cultural, histórico de cada época” e completam que “se há uma morte que acontece por suicídio, outras vidas são impactadas pelo ato de a pessoa se auto aniquilar.” Assim, evidencia-se a necessidade de colocar a família, como o núcleo mais próximo da pessoa que se suicida, no centro da atenção para a realização de ações de prevenção, o que justifica a realização deste estudo.

Cassorla (2021) explica que o ato suicida “constitui o evento final de uma complexa rede de fatores que foram interagindo durante a vida do indivíduo, de formas variadas, peculiares e



imprevisíveis”. Entre esses fatores, estariam os genéticos, biológicos, psicológicos, sociais, históricos e culturais. Portanto, não se pode explicar de maneira simplista o suicídio. Tampouco se pode explicar de maneira simplista o luto dos que estavam próximos da pessoa que morre, pois essa fase é abarcada por várias dimensões, como explicam Fukumitsu e Kovács (2016).

O suicídio é entendido como um problema de saúde pública. A Organização Mundial de Saúde (OMS) afirma que se trata de “um grave problema de saúde pública global” e que

“está entre as vinte principais causas de morte em todo o mundo”, causando a morte de cerca de 800 mil pessoas em todo o mundo (World Health Organization, 2019, p. 7). É possível estabelecer que ele é uma das três causas mais recorrentes de óbito entre pessoas com idade entre 15 e 44 anos, além de ser a segunda causa mais frequente entre 10 e 24 anos. Isso levando em consideração os casos que resultam em morte, sem considerar as tentativas não efetivadas, que ocorrem também em grande número – 10 a 20 vezes mais (Kestel & Van Ommeren, 2019).

Segundo Boletim do Ministério da Saúde, divulgado em setembro de 2021 (Brasil, 2021), entre 2010 e 2019, ocorreram, no país, 112.230 mortes por suicídio, o que significa um aumento de 43% no número anual de mortes, comparando dados de 2010 e 2019. O estudo aponta que “análise das taxas de mortalidade ajustadas no período demonstrou aumento do risco de morte por suicídio em todas as regiões do Brasil”. Os dados revelam que houve maior registro de taxas de suicídio nas Regiões Sul e Centro-Oeste, e que os homens “apresentaram um risco 3,8 vezes maior de morte por suicídio que mulheres”. Quanto à faixa etária, o boletim salienta “um aumento pronunciado nas taxas de mortalidade de adolescentes, que sofreram um incremento de 81% no período”.

Quanto à recorrência, é possível afirmar que os maiores índices estão entre mulheres jovens, sendo motivados, por vezes, devido à violência familiar, bem como doenças mentais e uso de álcool ou drogas; além de englobar também grupos de pessoas sem relacionamentos estáveis. Contudo, é preciso pontuar que, apesar de as mulheres realizarem mais a tentativa de suicídio, os homens são os que mais chegam à morte auto causada em suas tentativas, uma vez que, geralmente, fazem uso de métodos mais agressivos (Botega, 2015).

Diante dos dados apresentados, levanta-se a necessidade de que se compreenda o fenômeno e suas consequências para as pessoas, famílias, grupos e sociedade. Cada vez mais, pesquisadores de vários campos, principalmente ligados à saúde mental, têm se debruçado sobre o tema, por meio de pesquisas, análises e projetos de intervenção.

Dentre os treze artigos que são o *corpus* desta pesquisa, foi possível constatar que se trata de pesquisas qualitativas, com diversos referenciais e aportes teóricos. Foram quatro pesquisas de campo, tendo a entrevista como método (Costa & Spies, 2014; Dutra et al., 2018; Magalhães, Rafael & Vilella, 2019; Moro et al., 2018). Das pesquisas bibliográficas, cinco foram realizadas com o



método de revisão integrativa (Feijoo, 2021; Gonçalves et al., 2018; Melo & Barros, 2017; Rocha & Lima, 2019; Ruckert, Frizzo & Rigolli, 2019); uma foi revisão teórica (Ramirez, 2017) e uma revisão narrativa (Vasconcelos & Ferreira, 2021). Há, ainda, um relato de experiência (Kreuz & Antoniassi, 2020). De maneira geral, os pesquisadores apontam para o suicídio como um evento que deixaria as famílias vulneráveis a problemas psicológicos, manifestados pela culpa e raiva, mas, também, vergonha e mesmo alívio. A situação levaria ao convívio com o sofrimento e as repercussões da perda, além da possibilidade de um outro suicídio entre os que sobreviveram.

O primeiro momento da informação ou constatação da morte por suicídio do familiar é, também, relatado como “estado de choque” (Dutra et al., 2018), o que pode ser mais fortemente experimentado quando é o familiar que encontra o corpo, o que se pode caracterizar como uma “cena traumática” (Kreuz & Antoniassi, 2020). Haveria, ainda, a busca pela explicação do suicídio.

Os estudos apontaram para a carga de violência e desgaste emocional recebida pelos familiares, levando, inclusive, às repercussões em sua saúde física. No entanto, enfocam, também, o processo de superação das dores, no sentido de reconstruir a vida, a necessidade de atenção na promoção de saúde mental da família assim como suporte social e emocional.

Silva e Marcolan (2021, p. 2) explicam que o “suicídio produz um impacto sobre as famílias, amigos e comunidades”. Pode-se afirmar que os enlutados por suicídio podem ressignificar as sequelas da morte escancarada e interdita. São, portanto, compreendidos como sobreviventes e transcendem a possibilidade de morrer juntamente com aquele que se suicidou. Acredita-se que pessoas que tiveram a experiência de ter alguém que se matou aprendem a não se entregar ao sentimento de abandono e desamparo provocados pelas reverberações do suicídio. Precisam aprender a se cuidar e a receber cuidados de outras pessoas (Fukumitsu & Kovács, 2016, p. 11)

Como explica Bertolote (2017), “os sobreviventes do suicídio têm maior probabilidade de desenvolver sentimentos de responsabilidade pela morte do ente querido do que os que perderam alguém por causas naturais, além de se sentirem mais envergonhados e isolados dos demais”.

Sentimentos como culpa e vergonha estão presentes nas pesquisas realizadas por Feijoo; Kreuz e Antoniassi; Magalhães, Rafael e Vilella; Moro et al., Costa e Spies; Melo e Barros; Ramirez; Rocha e Lima; Vasconcelos e Ferreira. Outros sentimentos mencionados são o de abandono e rejeição, raiva, medo, ressentimento, fracasso, desespero, confusão, tristeza, angústia, vazio, saudade, impotência, intolerância ou fuga (Costa & Spies; Kreuz & Antoniassi; Magalhães, Rafael & Viella; Moro et al.; Ramirez, Rocha & Lima; Ruckert, Frizzo & Rigolli; Vasconcelos & Ferreira). A pesquisa de Moro et al. mostra que também há a culpabilização da vítima e o sentido que o suicida quis dar ao ato, como o de chamar a atenção ou de castigar o familiar. Botega (2015) afirma que, quando ocorre um suicídio, em média 5 a 10 pessoas têm suas vidas muito afetadas. Os



diversos sentimentos envolvidos, bem como o tabu que acompanha a questão, são fatores que acabam por culminar, assim, em uma má aceitação do fato, isolamento social, vergonha, confusão, raiva e silêncio. Todas essas são características que agravam a situação e podem culminar em uma recorrência do ato, caso não sejam devidamente enfrentadas (Bteshe, 2013). O fato de o suicídio não ser visto como uma forma normal de morte, mas sim como uma quebra na ordem natural das coisas, faz com que seja mais difícil para os sobreviventes familiares encararem a realidade do problema e buscar por ajuda no momento posterior à ocorrência. Por envolver diversos contextos e construções ideológicas (como círculos de amizade, religião, locais de trabalho, dentre outros), há uma tendência muito forte ao medo do julgamento.

Ramírez (2017) descreve o processo de luto utilizando o termo “dinâmicas” e as lista da seguinte forma: dinâmica da negação e do isolamento; dinâmica de raiva e sentimento de vazio; dinâmica de identificação com a morte; dinâmica do medo; dinâmica da culpa; dinâmica da formação reativa. Para o autor, o processo termina quando a família consegue aceitar a morte e se reorganizar para dar continuidade à vida. No entanto, chama a atenção para o fato de que isso vai depender do contexto cultural, da forma como cada sociedade define ou reconhece o suicídio, facilitando ou não a resolução do processo.

Quando há a negação, acompanhada do silêncio autoimposto, bem como do tabu estabelecido socialmente, acaba-se por criar um ambiente não saudável, no qual a proliferação de doenças mentais como a depressão encontram facilidade para se desenvolver. O não tratamento e aceitação do luto podem, assim, culminar em situações nas quais os familiares venham a vivenciar o sentimento de rejeição e abandono, podendo levar a pensamentos circulares em direção ao suicídio como sendo a saída, fazendo com o que o ciclo não se quebre (Botega, 2015).

Nesta pesquisa, viu-se que alguns autores falam de formas diferenciadas de luto, com probabilidades de emergirem patologias, inclusive de novos suicídios (Gonçalves et al.; Vasconcelos & Ferreira), ou peculiaridades no processo de enlutamento (Rocha & Lima); bem como um luto complicado que pode criar problemas de saúde física e mental (Ruckert, Frizzo & Rigolli). Costa e Spies entenderam que os familiares do suicida ficam perturbados emocionalmente e em significativo sofrimento, procurando justificar ou amenizar o acontecimento e identificaram intolerância frente à fatalidade ou a fuga diante da intensidade do sofrimento. Ruckert, Frizzo e Rigolli explicam que a maneira como cada sobrevivente reage pode estar relacionada com o vínculo estabelecido com quem se matou. Há também a busca pelo sentido desse ato e de justificar o valor da própria vida e de compreender como não houve a percepção ou valorização do risco em tempo de alguma intervenção e a dificuldade em tratar com possíveis julgamentos sociais, além do desconforto em ter que falar sobre o ocorrido.



Fukumitsu e Kovács (2016, p. 5) explicam que, “além de ter de lidar com a morte e suas repercussões, o enlutado deve aprender a lidar com a ausência”, da qual “pode vir o desejo de resgatar o vínculo com o morto”, o que chamam de “orientação para a perda”. Segundo as autoras, “o suicídio pode não significar apenas matar a si mesmo: a morte auto infligida é um ato humano que provoca o sofrimento nas pessoas que ficaram e vivenciaram seu impacto.” Para elas, viver “o suicídio de uma pessoa querida causa grandes transformações. O luto pelo suicídio pode criar um hiato se houver falta de cuidado e de amor, um espaço de sofrimento psíquico [...]” (Fukumitsu & Kovács, 2016, p. 10).

Frequentemente, o que ocorre é que os familiares que vivenciaram um suicídio em seu meio não encontram o espaço necessário para conversar e dividir o que estão sentindo; tendo, então, que se isolar e relegar seus sentimentos para o silêncio. Essa realidade contribui para o estabelecimento desse estigma social que não encontra uma válvula de escape e que, muitas vezes, culmina em mais casos de suicídio (Botega, 2015).

Kreuz e Antoniassi (2020) explicam que a vivência do luto para essas pessoas pode se dar como algo silencioso, escondido, interdito. Vasconcelos e Ferreira (2021) falam do isolamento social pelo constrangimento.

É por essa razão, em virtude da falta de espaço para tal discussão na sociedade, que se faz essencial a busca pela reflexão e compreensão dos sentimentos vivenciados pelos familiares, bem como a oferta de um espaço de acolhimento para eles.

Nesta pesquisa, praticamente todos os artigos encontrados mencionam a necessidade do cuidado aos familiares enlutados. São citadas as ações de posvenção, por parte dos profissionais de saúde (Dutra et al.; Melo & Barros; Moro et al.; Rocha & Lima; Vasconcelos & Ferreira), como promoção da saúde mental com enfoque na valorização da vida e na formação e manutenção de vínculos (Gonçalves et al.). Houve também a sugestão de programas de intervenção psicossocial que tenham como princípios a promoção de uma sensação de segurança, oferecendo técnicas que ajudem a reduzir a ansiedade, reforçar o senso de competência pessoal e coletiva, estimular o apoio social, o apego e a esperança (Kreuz & Antoniassi). Outra ação apontada é a de incentivo para que os enlutados falem sobre o suicídio e sobre as relações individuais com o ente falecido e a busca de suportes na religião, com amigos e outros familiares (Magalhães, Rafael & Vilella). Também é citado o manejo clínico na perspectiva fenomenológico-existencial (Feijoo) e a participação em grupos de autoajuda com sobreviventes (Ruckert, Frizzo & Rigolli; Vasconcelos & Ferreira).



5 GRUPO DE APOIO A FAMILIARES QUE PERDERAM MEMBROS POR SUICÍDIO

Conforme foi dito, a presente pesquisa realizou uma revisão sistemática da literatura publicada entre os anos de 2015 e 2022 abordando o tema dos impactos no grupo familiar que perdeu um membro por suicídio. Seguindo a metodologia da revisão sistemática de literatura, foi levantada a questão da importância dos grupos de apoio a familiares nessa situação. Os dados colhidos mostram que há significativa produção sobre os impactos do suicídio de uma pessoa em seu grupo familiar. No entanto, observa-se a possibilidade de mais estudos com relação aos grupos de apoio aos familiares que vivenciam a experiência do luto pelo suicídio de um de seus membros.

Conforme dados fornecidos pela Organização Mundial da Saúde (OMS), verifica-se aumento significativo das taxas de suicídio no mundo todo. No ano de 2020, ocorreu um aumento de 50% nos registros anuais de morte por suicídio. Nesse contexto, o número de óbitos decorrentes de suicídio a cada ano ultrapassa o número de mortes por homicídio e guerras. É relevante destacar que cada suicídio acaba gerando um impacto na vida de, ao menos, outras seis pessoas. No Brasil, entre os anos de 1996 e 2016, houve o registro de 183.484 mortes por suicídio, esse montante representa um aumento de 69,6% nesse período. A taxa de mortalidade por suicídio em 2018 foi de 6,1 por 100.000 habitantes, com o registro de 12.733 mortes por suicídio (Silva & Marcolan, 2021; Rocha et al., 2019).

Em meio ao amplo espectro teórico pertinente às tentativas de compreensão existentes, na atualidade, sobre o suicídio, uma conclusão é cabível: trata-se de um fenômeno complexo que ainda comporta muito mais questões do que respostas (Ribeiro & Moreira, 2018).

A realização de uma arqueologia do suicídio para encontrar o seu início talvez seja uma tarefa impossível de se realizar, no entanto, pode-se supor que ele está presente na história desde que a consciência emergiu como um fenômeno humano, isso porque há diversos registros sobre esse acontecimento em culturas e épocas variadas. Uma consideração importante a ser feita sobre o suicídio é que ele, mesmo com sua forte e impactante presença na história humana, ainda não é compreendido plenamente. O que temos hoje, com base nos estudos que foram realizados, é a compreensão praticamente consensual de que se trata de um acontecimento de natureza multifatorial decorrente da confluência de fatores psicológicos, biológicos, genéticos, culturais, religiosos, sociais e ambientais. Nesse sentido, da perspectiva científica, o suicídio deve ser considerado como o resultado da interação de elementos variados dentro de uma individualidade. Dessa maneira, nenhuma variante implicada nesse fenômeno deve ser tomada como a mais importante ou determinante, não podendo ser visto como algo simples, mas sim como o resultado de um processo (Rocha et al., 2019).

De modo geral, o suicídio diz respeito a uma forma de morte violenta, chocante e extremamente agressiva, principalmente, para os membros familiares sobreviventes. Botega



(2015), Ribeiro e Moreira, (2018), Cruz, Rezende e Reis (2019) destacam que um dos elementos que tornam o suicídio um fato difícil de ser assimilado, processado e aceito, é a grande rejeição que ainda recai sobre ele em nossa sociedade. A perda de um membro familiar nessas circunstâncias, comumente, lança os familiares sobreviventes em uma atmosfera de enorme luto permeada por sentimentos diversos como tristeza, desamparo, perplexidade, vazio, raiva, indignação, vergonha e rejeição. Dada a grande dimensão da carga emocional que emerge com esse acontecimento, a rotina de quem perde um ente amado por autoextermínio costuma ser marcada pelo silêncio e isolamento. Tais atitudes são indicadoras de mecanismos de defesa que são utilizados para se enfrentar a dor e a incompreensão do que aconteceu e do que está acontecendo.

Dentre os acontecimentos assombrosos da vida, certamente, o suicídio é um dos mais difíceis de ser assimilado, processado e significado de forma saudável por aqueles que perderam um ente querido dessa forma.

Os familiares das pessoas que se matam certamente são os que mais sofrem os impactos negativos desse trágico acontecimento. Nesse sentido, os chamados familiares sobreviventes necessitam de apoio e ajuda profissional. Uma das formas de ajuda que tem se despontado como valiosa nessas situações são os grupos de apoio. Contudo, essa modalidade de auxílio ainda carece de maior fundamentação científica, com estudos que possam checar sua eficácia e oferecer suporte aos profissionais que atuam e trabalham com a ajuda aos familiares de pessoas que se mataram.

Diante desse quadro complexo, algumas questões podem ser colocadas: quais os impactos mais frequentes são percebidos nos familiares de pessoas que cometeram suicídio? O que faz com que o suicídio seja tão difícil de ser elaborado de um modo, se não benéfico, ao menos de maneira não tanto deletéria para os familiares sobreviventes? Por que a família sofre tanto com esse acontecimento? Cabe ainda uma questão que consideramos a mais relevante para os limites deste estudo: se o sofrimento experimentado pelos familiares sobreviventes a um ente querido suicida é tão grande e encontra pouco espaço para ser livremente expressado, qual é a importância dos grupos de apoio a familiares de membros que cometeram suicídio?

No que diz respeito aos impactos do suicídio no grupo familiar que perde um ente querido com morte desse tipo, a literatura é relativamente vasta. Há um número significativo de pesquisadores que trataram do assunto. No entanto, os grupos de apoio aos familiares enlutados por suicídio de um de seus membros, ainda são um campo com muitas possibilidades de estudo.



6 POSVENÇÃO E OS GRUPOS DE APOIO A FAMILIARES ENLUTADOS E SOBREVIVENTES DO SUICÍDIO

Em linhas gerais, os grupos de apoio a familiares enlutados e sobreviventes ao suicídio de um ente familiar querido podem ser vistos como sendo espaços nos quais: é oferecida ajuda aos sobreviventes para que eles possam se sentir menos isolados e sozinhos; estimula-se a esperança de que a recuperação é possível, ao aproximar novos sobreviventes a pessoas com histórias mais antigas; oferece-se suporte à ideia de que a dor do luto é esperada e aceitável; cria-se a oportunidade de que sobreviventes falem abertamente sobre suas experiências com pessoas que passaram pela mesma situação e, portanto, são capazes de maior compreensão. Esses grupos também permitem que cada sobrevivente aprenda com as histórias alheias.

Os grupos de ajuda a familiares sobreviventes são espaços estruturados e articulados para oferecer suporte na forma de escuta, troca de experiências e de informações. Dessa maneira, esses elementos constitutivos desses espaços funcionam também como ingredientes fortalecedores da rede de acompanhamento. A pessoa que se sente acolhida, compreendida e inserida em meio a outras pessoas que sabem da sua experiência de dor, tende a se vincular ao trabalho que está sendo realizado.

Diversas são as consequências sobre os sobreviventes familiares por esse acontecimento. De modo geral, pode-se afirmar que o grupo familiar sofre uma verdadeira devastação quando um membro seu se suicida. Com base nos levantamentos feitos, nesta pesquisa, é adequado e cabível afirmar que, num sentido amplo, a saúde do grupo familiar que perdeu um membro por suicídio, na quase totalidade das vezes, é gravemente afetada. Por essa razão, é imprescindível medidas e redes de apoio que ofereçam atenção, suporte e ajuda aos familiares sobreviventes ao suicídio de um ente.

Botega (2015) destaca que é de fundamental e imprescindível importância que medidas sejam tomadas para se evitar e/ou tratar os graves efeitos que geralmente os membros familiares enfrentam como consequências do suicídio de um membro querido. Nesse sentido, conforme destaca o referido pesquisador, existe a denominada posvenção. Esta consiste no conjunto de providências que podem e devem ser tomadas para oferecer, aos familiares sobreviventes, a terapêutica necessária para ajudar as pessoas da família a reestabelecerem a saúde e o equilíbrio psicológico ou para se evitar danos maiores para a saúde mental e física do grupo familiar nessas circunstâncias.

Kovács (2020) destaca que as pessoas enlutadas se sentem vulneráveis; psicologicamente inseguras, desorientadas, ansiosas, com raiva, perturbadas por questionamentos existenciais dolorosos e por ideação suicida. Todo esse quadro gera significativa desestruturação familiar, trazendo inclusive o risco de que alguém mais possa se matar. Indubitavelmente o cuidado aos



sobreviventes é fundamental, e deveria ser oferecido sempre, pois a situação existencial trágica vivenciada pelos familiares enlutados pode ser a do ente querido que se matou.

A posvenção, também, se dá como forma de acompanhamento daquelas pessoas que tentaram o suicídio, e que não obtiveram o resultado morte. Portanto, em sentido amplo, a posvenção se refere ao conjunto de práticas e atividades úteis que são realizadas após uma situação estressante ou perigosa. No caso específico do suicídio, seriam as medidas que são tomadas relativamente às consequências danosas à saúde, após um evento suicida; podendo elas serem voltadas para aqueles que sobreviveram à tentativa de suicídio (Kreuz & Antoniassi, 2020).

A posvenção não é voltada, apenas, para os familiares sobreviventes; ela está aberta para oferecer ajuda a todos os sobreviventes que sentiram o impacto da morte de alguém por suicídio e também às próprias pessoas que tentaram se suicidar e não conseguiram. No entanto, o foco do trabalho é o grupo familiar sobrevivente, pois, de modo geral, é ele o que sofre as consequências mais drásticas pela morte nessa circunstância.

Conforme se procura destacar, o isolamento e o silêncio, em muitos casos, acabam sendo o único meio que resta à família para enfrentar o suicídio de um ente querido. Esse silêncio advém da complexidade do acontecimento. O suicídio envolve questões muito sensíveis e difíceis. Morte; finitude; vulnerabilidade humana; violência auto infligida; dor; sofrimento; tabus sociais, culturais e religiosos são alguns temas espinhosos que emergem diante do suicídio de alguém. Dessa maneira, é preciso que se considere que poucas pessoas, independentemente do grau de instrução, estão preparadas ou têm condições de lidar com as questões trazidas pelo suicídio. São questões de natureza psicológica, filosófica, sociológica e religiosa com grande profundidade. Sendo assim, é compreensível a dificuldade que, geralmente, as pessoas apresentam para dirimi-las. O isolamento e o silêncio acabam sendo efeitos diretos desse despreparo e incapacidade para se abordarem as dimensões do acontecimento. Nesse contexto, a posvenção se apresenta como um conjunto de procedimentos de elevada importância para o enfrentamento dessa situação.

Fukumitsu (2019) destaca que a palavra posvenção foi proposta pelo fundador da Suicidologia, o Psicólogo americano Edwin Shneidman. De acordo com a referida autora, o termo posvenção ainda é pouco utilizado no Brasil, mas indica as propostas de manejo que objetivam cuidar e mitigar os impactos e consequências da morte auto infligida, a qual geralmente é vivenciada como um trágico incidente.

Kovács (2020) também destaca o fato de a posvenção ser ainda pouco conhecida no Brasil, mesmo sendo abordada na literatura estrangeira especializada há muitos anos. De acordo com essa estudiosa, a posvenção diz respeito, em sua essência, aos cuidados preventivos voltados para as próximas gerações dos sobreviventes ao suicídio de um ente familiar. O desconhecimento dessas práticas, em nosso país, deve-se, principalmente, ao fato de as campanhas nacionais não



mencionarem o termo. Em muitos casos, essa falha publicitária faz com que os enlutados não busquem cuidados para o seu sofrimento.

A posvenção tem por principal objetivo minimizar as graves consequências vivenciadas pelos sobreviventes ao suicídio de um ente familiar querido. Desse modo, ela se estrutura como uma série de intervenções planejadas que visam abordar as espinhosas questões e consequências do suicídio. As ações próprias da posvenção envolvem acolhimento aos enlutados e reequilíbrio do sistema familiar. Um outro ponto de fundamental importância referente à posvenção é que ela visa reduzir os comportamentos autodestrutivos e, também, o risco de novos suicídios. Isso porque, como já apontado, em sentido amplo, a saúde do grupo familiar, geralmente, é bastante prejudicada pelo suicídio de um de seus membros. Essa situação pode funcionar como elemento catalizador de possíveis eventos de suicídio por membros familiares sobreviventes. Nesse sentido, a posvenção feita nesses grupos funciona, também, como medida de prevenção (Fukumitsu, 2019).

Os grupos de apoio aos familiares enlutados por suicídio têm suas raízes mais remotas no ano de 1960, quando foi fundada a *International Association for Suicide Prevention* (IASP), pelo suicidologista austríaco Erwil Ringel, em Viena. Posteriormente, a IASP tornou-se uma das instituições mais importantes na área de prevenção e posvenção do suicídio. Na atualidade, ela colabora com a OMS e conta com membros de sessenta países, promovendo congressos internacionais e diversas atividades na área. No ano de 1968, a *American Association of Suicidology* (AAS) foi criada por Edwin Shneidman. A partir de então, essa instituição passou a desenvolver, entre outras atividades, padrões e critérios para certificar centros de tratamento na crise pelos Estados Unidos e Canadá. Desde o ano de 1976, já foram certificados mais de cento e sessenta centros nesses países por sua excelência no atendimento ou treinamento de profissionais (Scavacini, 2018).

Mais especificamente, os grupos de ajuda aos familiares enlutados por suicídio de um de seus membros surgiram e se disseminaram nos Estados Unidos a partir da década de 1970. Esses grupos são constituídos por sobreviventes enlutados por causa de um suicídio, e têm se mostrado como importante medida de posvenção, capaz de fornecer suporte psicológico aos familiares que se encontram na situação de luto por suicídio (Botega, 2015).

No Brasil, os grupos de apoio aos sobreviventes enlutados, atualmente, encontram-se espalhados por diversos estados brasileiros. Alguns deles são: Grupo de Apoio aos Sobreviventes de Suicídio (GASS) do Centro de Valorização da Vida, situado em diversos estados brasileiros; Grupo de Apoio ao Sobrevivente Enlutado pelo Suicídio Víta Alere (São Paulo/SP e Rio de Janeiro/RJ); Nomoblidis (São Paulo – SP); FASS – Fênix Apoio aos Sobreviventes de Suicídio (São Paulo – SP); Sociedade de Medicina e Cirurgia de Campinas – SMCC (Campinas – SP); Grupo Luta em Luto de Apoio aos Sobreviventes do Suicídio (Santos – SP); Grupo de Apoio a Enlutados



por Suicídio – GAES (Minas Gerais – MG); Grupo de Acolhimento aos Sobreviventes do Suicídio (AMBACS Laguinho) Macapá – AP; Grupo de Apoio às Famílias Sobreviventes do Suicídio Bia Dote (Fortaleza – CE); Grupo Vida que Segue (Teresina – PI); Grupo de Apoio aos Sobreviventes Enlutados pelo Suicídio – NIVV e Clínica Ágape (Juiz de Fora – MG); Transformador em Amor (São Paulo – SP); Resignificar Grupo de apoio – Sobre(viver) (Araras – SP)¹

Os grupos de apoio constituem, na atualidade, a principal forma de suporte buscada por pessoas impactadas pelo suicídio no Brasil e no mundo. Devido à pandemia de Covid-19, atualmente, muitos desses grupos prestam seus serviços pela internet. Na maioria dos casos, a orientação e condução dos grupos é feita por Profissionais da Área da Saúde, por sobreviventes enlutados ou por voluntários. O principal propósito desses grupos é a troca de experiências em um ambiente sigiloso, com empatia e sem julgamento.

O convite para que as pessoas participem desses grupos é feito por participantes, por pessoas que sabem da existência dos grupos e da necessidade de alguém e aí faz-se a indicação, através de divulgação na internet, ONGs e em espaços públicos. Os participantes se inscrevem e todo o trabalho é conduzido de maneira gratuita. Existem também os grupos de apoio em que o critério de participação depende do vínculo da perda, sendo alguns exemplos deles: grupo de apoio às mães em luto, grupo de apoio a pais em luto.

Basicamente, os grupos de apoio são de três tipos: abertos, fechados e híbridos. Os grupos abertos são o tipo mais comum. As suas reuniões acontecem, regularmente, de acordo com um calendário, sendo comum elas serem em dia e horário fixos. Nessa modalidade de grupo, os participantes são livres para participarem de acordo com a frequência que escolherem. Os grupos fechados pré-estabelecem os sobreviventes que irão participar e seu funcionamento é cíclico, o que significa que esses grupos têm um tempo determinado de duração, durante o qual não são admitidos novos participantes. Geralmente, esses grupos duram entre 8 e 12 reuniões. Por fim, existem os grupos denominados híbridos, nos quais ocorre junção de aspectos dos grupos fechados e abertos. É importante destacar que cada tipo de grupo tem as suas vantagens e desvantagens (Botega & Scavacini, 2020).

Quanto à participação de pessoas de uma mesma família em um único grupo, não há regras preestabelecidas. Se dois ou mais membros de um grupo familiar decidirem participar do mesmo grupo, não haverá restrições. Nesse caso, o fator que será decisivo é o modo como esses familiares irão se sentir com a presença do outro. Se não houver inibição, não haverá razões para que não frequentem o mesmo grupo.

¹ Fonte: <https://posvencaodosuicidio.com.br>. Acesso em: 09 jan. 2023.



No que diz respeito aos recursos materiais, de modo geral, os grupos funcionam com subsídios voluntários da iniciativa privada, como empresas e clínicas particulares; do poder público; de ONGs e dos próprios sobreviventes (Botega & Scavacini, 2020).

As pessoas que conduzem as reuniões desses grupos são chamadas de Facilitadores. Estes são de fundamental importância para os grupos, porque são os responsáveis pela direção das reuniões, bem como pela parte operacional, tais como encontrar o local das reuniões, divulgar o grupo, adquirir os recursos e insumos necessários. Em muitos casos, essa função é exercida por sobreviventes enlutados. De modo geral, eles se mostram com elevada dedicação, motivação e capacidade de compreender as exigências dos demais participantes. Essas características funcionam, geralmente, de forma muito positiva, pois os enlutados, principalmente os que tiveram a experiência mais recente, tendem a se sentir bem acolhidos e compreendidos ao verem que a coordenação do grupo é feita por alguém que passou pela experiência de perda também (Botega & Scavacini, 2020).

Todavia, os grupos podem ser conduzidos também por Profissionais da Saúde e outras pessoas devidamente preparadas. Existe ainda a figura do cofacilitador, que consiste em uma pessoa que forma uma dupla com o coordenador. Essa parceria pode ser feita entre, por exemplo, um profissional da saúde e um sobrevivente (Botega & Scavacini, 2020).

As reuniões dos grupos podem ocorrer em diversos locais, tais como igrejas, hospitais, clínicas, centros comunitários e a própria residência dos facilitadores e participantes. As reuniões costumam acontecer cerca de uma vez por mês ou a cada quinze dias, e são menos frequentes os grupos que funcionam com encontros semanais. Com relação ao número de participantes, o que os guias, como o do Centro de Valorização da Vida (CVV), recomendam é que tenham entre 8 e 15 integrantes (Botega & Scavacini, 2020).

O funcionamento do grupo segue um roteiro semelhante aos de outros encontros em grupo. Há a fase do acolhimento, da apresentação, e a chamada discussão, que é quando os integrantes irão compartilhar seus sentimentos, pensamentos e experiências como sobreviventes. Os grupos funcionam a partir de regras básicas, sendo as principais delas: respeito ao cronograma, confidencialidade, disposição para ouvir, não julgar, respeitar a opinião dos demais, participar, disposição para compartilhar a própria experiência e dividir o tempo da reunião com os demais participantes sem monopolizar o encontro (Botega & Scavacini, 2020).

Kovács (2020) destaca que um dos manejos mais importantes de serem feitos com familiares enlutados por suicídio de um ente querido é a legitimação dos sentimentos e pensamentos emergentes da situação que estão vivenciando. Sendo assim, as pessoas que frequentam esses grupos costumam encontrar grande conforto, principalmente nos grupos que são voltados exclusivamente para pessoas em luto por suicídio. O acolhimento e conforto, usualmente



experimentados, acontecem, principalmente, devido ao encontro com outras pessoas que vivenciaram o mesmo tipo de perda. Desse modo, a possibilidade de se expressar, livremente, tudo o que está sendo vivido, mostra-se como uma poderosa ferramenta terapêutica.

Fukumitsu (2019) faz relevantes indicações acerca do modo como o acolhimento pode ser oferecido aos familiares enlutados nos grupos de ajuda. De acordo com essa pesquisadora, em seus estudos, ela verificou algumas das principais necessidades dos sobreviventes: o não poder falar devido aos tabus e preconceitos; o medo de que o suicídio possa se repetir na família; a exposição pública de questões íntimas da família; dificuldades relativas a questões burocráticas, judiciais, financeiras e emocionais.

Os familiares enlutados pelo suicídio de um de seus membros lidam com estigmas e preconceitos. Existe, ainda, a vergonha de se mencionar a causa da morte do ente querido pelo receio de acusação e julgamento. Com tudo isso, essa situação constitui um enorme emaranhado de dor, vergonha, preconceito, tabus, exposições vexatórias, curiosidade das pessoas e desamparo (Fukumitsu, 2019).

Pela gravidade e intensidade dessas experiências, os grupos de apoio aos familiares sobreviventes se pautam em princípios de acolhimento respeitoso e suspensão de julgamentos e acusações. Nesses espaços, os enlutados têm a oportunidade de encontrar compreensão de seus sentimentos. Eles também podem experimentar os salutares efeitos do compartilhamento de experiências. Sendo um lugar onde se encontra conforto, liberdade e espaço para se falar do que se está vivenciando, os grupos de apoio aos familiares enlutados podem ser considerados como um dos principais antídotos contra um dos maiores sofrimentos ocasionados pela morte de um membro por suicídio: o silêncio e o desamparo.

No que diz respeito à formação profissional, há que se ter em vista ser algo de fundamental importância. É comum verificar-se que muitos profissionais da saúde têm medo da realidade do suicídio. Assim, oferecer a eles subsídios científicos de qualidade consiste num valioso auxílio a eles e às pessoas com as quais irão trabalhar. Como apontado acima, os grupos de apoio são conduzidos muitas vezes por pessoas que passaram pela experiência de perda de um ente querido por suicídio.

Contudo, consideramos ser de fundamental importância que os grupos também contem com o apoio de profissionais habilitados para lidar de modo científico com questões psicológicas profundas que surgem nesses espaços. Ou seja, a presença de alguém que vivenciou o suicídio de um membro familiar é muito válida e até mesmo necessária. No entanto, os rumos dos trabalhos precisam ser determinados por parâmetros científicos criteriosos. Dessa maneira, propomos que a formação profissional para habilitar pessoas a trabalharem com esses grupos é uma necessidade premente que deve incluir aulas presenciais bem como estágios obrigatórios, incluindo contato com



os grupos de apoio. Constatamos que os grupos de apoio aos familiares são uma das medidas mais importantes para o enfrentamento dos impactos experimentados por eles com esse evento. Por isso, esses grupos precisam e merecem mais atenção de pesquisadores que tenham condições e estejam dispostos a colocar a ciência a serviço da vida.

7 CONCLUSÕES

Neste artigo, abordamos o suicídio como um grave problema de saúde pública, ressaltando sua dimensão global e o impacto devastador que causa nos familiares daqueles que tiram a própria vida. O sofrimento, a dor e a desolação enfrentados por esses familiares são intensos e podem desencadear uma série de problemas emocionais e psicológicos, incluindo a manifestação ou agravamento de transtornos mentais como a depressão, além do risco de recorrerem ao consumo abusivo de álcool como forma de enfrentar essa perda avassaladora.

Diante desse cenário, observamos como é fundamental a existência de estruturas de suporte e orientação específicas para auxiliar familiares enlutados pelo suicídio. Dentre esses suportes, defendemos os grupos de apoio como ferramentas essenciais nesse processo, proporcionando um ambiente acolhedor onde essas pessoas podem compartilhar suas experiências, receber apoio mútuo e orientação especializada para lidar com o luto complexo e doloroso decorrente do suicídio de um ente querido.

Apresentamos uma revisão da literatura no período entre 2015 e 2022, enfatizando os impactos profundos que o suicídio causa nos familiares enlutados e ressaltando a importância dos grupos de apoio nesse contexto. Concluímos que, apesar da existência de uma quantidade significativa de estudos sobre os impactos do suicídio na família, há ainda muitas possibilidades de avanço científico no que diz respeito a pesquisas sobre grupos de apoio voltados especificamente para os familiares que vivenciam o luto após um suicídio.

CONTRIBUIÇÃO

Ambos os autores participaram de todas as etapas do estudo: concepção e desenho, análise e interpretação dos dados, revisão e aprovação da versão final do artigo.



REFERÊNCIAS

- Barros, J. F. d. C. L., & Melo, B. S. d. S. C. (2017). Consequências do Suicídio para as Relações Sócioafetivas dos Familiares na Posvenção. *Rev. FSA*, 14(2).
- Botega, N. J. (2015). Crise suicida: avaliação e manejo. Porto Alegre: Artmed. Centro de Valorização da Vida (CVV). Como vai você? Guia para facilitadores. Disponível em: https://www.cvv.org.br/wp-content/uploads/2017/05/guia_CVV_facilitadores_DIGITAL.pdf
- Costa, C. B. d., & Spies, P. C. (2014). Suicídio: a percepção familiar sobre aquele que deu fim à própria vida. *Rev. Psicologia em Foco*, 6(8), 78-95.
- Cruz, A. D. G. da., Resende, D. de S., Reis, J. B. W. de O. (2019). A dinâmica psíquica do suicídio sob a perspectiva do desnudamento do Eu na melancolia. *Reverso*, Belo Horizonte, 41(78), 35-44. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/reverso/v41n78/v41n78a04.pdf>
- Dutra, K. et al. (2018). Vivenciando o suicídio na família: do luto à busca pela superação. *Rev. Bras. Enferm.* 71(Suppl 5): 2146-53. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/0034-7167-2017-0679>. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/reben/a/JhkJkrN5nqtcgy4YdGZFYVq/?format=pdf&lang=pt>
- Feijoo, A. M. L. C. (2021). Situações de suicídio: atuação do psicólogo junto a pais enlutados. *Psicol. estud.*, 26, 1-13.
- Fukumitsu, K. O. (2019). Sobreviventes enlutados por suicídio: cuidados e intervenções. São Paulo: Summus.
- Gonçalves, F. T. D. et al. (2018). Os impactos do suicídio no âmbito familiar e social. *REAS, Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 14, 1834-1840.
- Kovács, M. J. (2020). Luto por suicídios: posvenção e cuidados. Associação Brasileira de Psicoterapia (ABRAP). Disponível em: <http://abrap.org/artigos.php?NuNot=295>
- Kreuz, G., Antoniassi, R. P. N. (2020). Grupo de apoio para sobreviventes do suicídio. *Psicol. estud.*, v. 25. Disponível em <https://doi.org/10.4025/psicoestud.v25i0.42427>
- Magalhães, B. H. V., Rafael, L. P., & Vilella, D. V. A. L. (2019). Sentimento dos familiares ao perder um ente querido por suicídio. *Anais Eletrônicos de Iniciação Científica*, 3(1).
- Moro, A., Woehl, A., Gastal, C. L. da C., & Trindade, B. A. (2018). Suicídio. Um fenômeno silencioso e silenciado. *Saúde E Meio Ambiente: Revista Interdisciplinar*, 7(1), 104–115.
- Ramírez, R. del P. G. (2017). Proceso de duelo: meta análisis del enfrentamiento a la muerte suicida desde una perspectiva familiar. *Cuadernos Hispanoamericanos de Psicología*, 17(1), 49–64.
- Ribeiro, J. M., Moreira, M. R. (2018). Uma abordagem sobre o suicídio de adolescentes e jovens no Brasil. *Ciência & Saúde Coletiva*, 23(9), 2821-2834, DOI: 10.1590/1413-81232018239.17192018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/txZCWtk98yqSkvTTj6Vj74b/?format=pdf&lang=pt>
- Rocha, A. M. A. da., Dantas, M. C. de A., Barbosa, L. H. G. M., Nascimento, T. M. do. (2019). A repercussão do suicídio no âmbito familiar: o sentido da vida dos sobreviventes. *Temas em Saúde/Edição Especial. Faculdades Integradas de Patos: João Pessoa/PB*. Disponível em: <https://temasemsaude.com/wp-content/uploads/2019/03/fippsi20.pdf>



Rocha, P. & Lima, D. M. A. (2019). Suicídio: peculiaridades do luto das famílias sobreviventes e a atuação do psicólogo. *Psicologia Clínica*, 31(2)

Ruckert, M. L. T., Frizzo, R. P. & Rigoli, M. M. (2019). Suicídio: a importância de novos estudos de posvenção no Brasil. *Revista Brasileira de Terapias Cognitivas*, 15(2), 85-91

Scavacini, K. (2018). O suicídio é um problema de todos: a consciência, a competência e o diálogo na prevenção e posvenção do suicídio [Tese (Doutorado - Programa de Pós-Graduação em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano Instituto de Psicologia, Universidade de São Paulo)].
Repositório Institucional USP.

Silva, D. A. da., Marcolan, J. F. (2021). O impacto das relações familiares no comportamento suicida. *Research, Society and Development*, 10(2), e17310212349. Disponível em:
<file:///C:/Users/User/Downloads/12349-Article-163767-1-10-20210209.pdf>

Vasconcelos, C. R. d. P. e. E. & Ferreira, W. F. d. S. E. (2021). Reflexões para o psicoterapeuta diante do enlutado pelo suicídio. *Revista da Universidade Vale do Rio Verde*, 2

